

## Capítulo de *Orlando em Barbacena*, de Mara Coradello<sup>1</sup>

### Chapter from *Orlando in Barbacena*, by Mara Coradello

Mara Coradello\*

Clarice:

Nesse lugar parecem habitar sessenta mil mortos, o chamado Museu da Loucura, situado exatamente onde antes havia o Hospital Penal de Barbacena. Eles chegavam aqui em um vagão de um trem, e o então famoso itinerário mereceu o nome de “trem de doido”, uma viagem ao inferno. Eu tento não ofegar enquanto minhas mãos transpiram, se outra parte de nossos corpos parece pensar, são as mãos, não por pouco elas ondulam quando falamos, querem tocar o que amamos, e transpiram a frio com a proximidade do medo mais absoluto. O medo de ser enterrada viva me parece agora talvez mais suave,

<sup>1</sup> Capítulo inicial do romance inédito, *Orlando em Barbacena*, gentilmente cedido pela autora.

\* Escritora. Mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade Federal da Ufes (Ufes). Autora de *O colecionador de segundos*, contos (2003), *O armazém dos afetos*, crônicas (2009), *Histórias de amor recolhidas ao acaso*, contos (2013), *Escaras e decúbitos*, romance (2014), *A alegria delicada dos dias comuns*, poesia (2016), *Post its de carne & putrefação*, poesia (2021).

ao pensar numa mulher aleatória, que ousasse desafiar a vocação imposta por sua família, ou pela civilização, e seria internada aqui, ou enterrada.

Lembro de ser a pessoa na cama, ao mesmo tempo tenho certeza de não ser eu. Hoje sei ser chamado de dissociação esse fenômeno. O curioso é que mesmo não me sentindo ter de fato vivido o que irei contar aqui sob minha identidade, lembro de tudo. Ou não lembro, há essa névoa a percorrer essa narrativa que vejo como nodosa, que impediu de narrá-la por 21 anos. Eu tinha exatamente 17 anos. A idade de 17 anos é emblemática na psiquiatria. É quando a esquizofrenia se manifesta. Foi esse o diagnóstico que me deram. Eu morava na pequena cidade de São Mateus, norte do estado do Espírito Santo, sudeste do Brasil, onde meus pais tinham uma pequena propriedade de pecuária e produção de leite. Ganhei de meu pai um apartamento para estudar na capital, foi no meu quarto neste imóvel que acordei um dia e contei a minha colega que tinha de ir ao funeral. Ela não entendeu. Eu repetia obstinadamente que meu pai havia morrido. Uma fantasia clássica freudiana. Meus amigos me levaram até a rodoviária, eles não tiveram escolha, eu estava resoluta. Eu tinha a certeza absoluta de que todos no ônibus intermunicipal faziam parte do mesmo cortejo. Homens e mulheres simples. Senhores que certamente moravam na zona rural, com suas camisas de tergal abertas até o umbigo, seus chapéus de palha mal-ajambrados, era uma sexta-feira quente, seu suor se destacava em círculos tão indignos quanto devia parecer meu olhar aterrador para eles.

Josué:

Ou um homem com modos diferentes do que dele se espera. E sim, se espera muito dos homens. Sobretudo, os loucos. A "loucura" há algum tempo atrás, abarcava praticamente todos os transtornos mentais que conhecemos hoje. Em Minas Gerais, talvez o estado brasileiro que menos soube lidar com doenças psíquicas, e onde nasci e me criei, em cada cidade, por menor que seja, existia um "doido" que era temido pelas crianças, caçoado pelos jovens e evitado pelos adultos. Muitas vezes eu, que tenho meus problemas psiquiátricos, fico

imaginando como seria a vida dessas e de outras pessoas se recebessem o tratamento correto.

É próprio da essência dos loucos pensar “e se”. Ou eles são o próprio “e se” da existência. O intervalo, o interstício, o que não é, ainda. O hesitar, a perna pensante. O espaço-tempo anterior ao átimo da lagarta se tornar borboleta, o minuto que precede a penugem mofo do morango, o segundo antes do corvo que fala à porta do narrador de Poe, de Zaratustra elucubrar sobre enfiar a cabeça nas nuvens de areia. Os loucos podem parecer tão limitados, tacanhos, mas eles estão sempre no “se”, no limítrofe, na agonia da linha. Parecem limitados aos que se limitam. Talvez eles tenham se perdido de um cordão umbilical de pentagrama que se enroscou numa cruz, enrodilhada numa lemniscata, cujo fio se acha o começo no novelo de um vazio. Estão aqui e não estão. Coabitam e nunca vivem exatamente.

Divaguei. Volto. Tentarei divagar menos, ou marcarei de outra cor essas divagações, para que você leitor, as salte, ou aquele que as preferir, nessas bijuterias se concentre. Nunca saberei se esses rizomas de meus pensamentos, essas raízes são ervas daninhas, ou são o que sedimenta os arvoredos do que sou.

Por falar em raízes, as histórias sobre casas de internação no estado de Minas Gerais são bem antigas. Em 1882, Machado de Assis publica uma de suas mais célebres obras: O Alienista. A Casa Verde tratada no conto, aos cuidados do Dr. Bacamarte, médico obstinado e incansável em sua missão de desvendar os problemas da mente e da alma, está no imaginário popular brasileiro, sobretudo no do mineiro. Manicômios sempre foram uma realidade mais dura ali, do que, acredito eu, no restante do Brasil.

Eu mesmo já experimentei esse tipo de tratamento. Fui internado em um manicômio por minha família no sul do estado, bem longe de onde nasci e ainda mais distante do local em que moro hoje. Na verdade, é perto de lugar algum. Isso dificulta a visita dos familiares. Eu já estive em uma prisão também. Na verdade, já andei por todo o tipo de lugar. Mas, ainda sim, minhas mãos seguem

transpirando, meu coração acelerado. Acredito que seria exatamente assim que me sentiria em um campo de concentração nazista. Aliás, acho que não. Eu não sou judeu. Mas já fui muitas vezes taxado de escória, de louco. Seria ali, em Barbacena, o meu fim em outros tempos? Nada pode me deixar mais apavorado.

Eu me lembro da primeira vez que ouvi falar no "Hospital Penal". Aspas são sinais gráficos insidiosos e suavizantes, irônicos. Nesse caso são tudo isso, entenda como quiser. Eu era um garoto, acredito que devia ter uns 8 anos. Minha mãe aos berros dizia "Barbacena não". E se preparava para ir viajar, resolver "problemas de adulto". Tenho dois tios diagnosticados como bipolares (à época era chamado de Psicose Maníaco Depressiva) e por muito pouco um desses tios eu não foi parar em Barbacena. Assim como eu, não escapou do cárcere, mas minha mãe, ao falar comigo sobre o episódio me disse: eles mandam as pessoas lá para morrer. Isso sempre ficou no meu subconsciente. Um lugar onde pessoas são enviadas para a morte.

Minhas mãos suam, mas não tremem. Acho que isso vem do meu tempo em que precisava sempre andar armado. Meus olhos, fixos em algum lugar aleatório, não ousam sequer marejar. Não me lembro a última vez que chorei. O mundo fez de mim uma pessoa muito diferente daquele garoto de 8 anos. E eu tenho essa herança maldita da loucura. Não sei o que seria de mim sem ela.

Uma vez fui tentar fazer uma árvore genealógica da minha família. Só se tem registro até meu bisavô. Ninguém gosta ou quer falar sobre o passado da família. Não há registros. Todos se envergonham um pouco do sobrenome. "É família de doido". Como a cidade de que sou oriundo, por parte de mãe e pai, é uma cidade muito pequena, não se tem registros formais. A memória da família vai se esvaindo à medida que os mais velhos vão morrendo. Isso sempre foi algo que me deixou um tanto perdido em relação ao mundo. Talvez tenha sido a origem do meu "não pertencimento". Nunca consegui me sentir parte, efetivamente, de nada. Nunca me adaptei totalmente à vida, apesar de ser uma pessoa funcional, como gostam de dizer por aí.

Fiz um estudo sobre a família materna, desde sua origem em Portugal, até os dias de hoje. Sei de como chegamos à Minas, mas não sei os meus familiares diretos. Não tenho ancestrais para invocar, e vou lhe falar, em breve, o que, de fato vim fazer em Barbacena. A minha família paterna é ainda mais complicada. Meu avô não conheceu seus pais, vivia trabalhando de fazenda em fazenda. Meu pai, que nasceu em uma, só saiu da roça aos 18 anos. A cidade de Cercadinho foi a "cidade grande" que meu pai conheceu, já na vida adulta. A cidade, hoje, não tem 10 mil habitantes. Não existe nada sobre o passado de meu pai.

Eu fico imaginando quantos familiares pereceram aqui. Qual seria o diagnóstico. Me questiono se haveria cura. Eu mesmo, nunca tive um diagnóstico fechado, cada psiquiatra tem uma opinião. Me considero um suicida que não se matou. Um bipolar sem mania. Um depressivo psicótico. E antes de mais nada, um adicto. Se eu tivesse nascido em outros tempos, estaria aqui, mas não vivo. Minha alma estaria assombrando esse lugar, como tantas outras estão. Seriam sessenta e um mil mortos a habitar esse museu. Onde o que realmente parece estar vivo é a famosa frase "o consciente é uma moeda, o inconsciente, um mar". E eu tenho a audácia de complementar: a loucura, ou seja lá como se chama esse não ajustar-se é um universo inteiro, por vezes uma imensa escuridão, mas por instantes uma intensa e frenética luminosidade, apenas não compreendida por esses que apenas dedilham suas moedas. E é exatamente aqui onde vim buscar respostas.

Clarice:

Uma comunidade terapêutica, é um arranjo entre um pedaço podre de um Estado que fingiu que extirpou os manicômios, mas que os mantém em sua pior forma, na mentira da laicidade que não existe no Brasil, como sabemos da nossa bancada da bíblia que talvez seja a maior responsável pela ascensão do fascismo e da volta do Brasil ao mapa da fome, mas esse relato não pretende ser um descritivo político partidário, apesar de que parto do princípio de que tudo é político, viver é político.

A caminho do que seria o enterro do meu pai desci do ônibus, parei numa pequena vida a beira de estrada, que nem se pode chamar de cidade, uma reunião de casas ao redor de um posto de gasolina, uma mulher cuidava de uma horta, meu olhar perdido, que dizem que eu carrego em fotos até hoje, deve tê-la tocado, porque ela perguntou se podia me ajudar. Eu falei que meu pai havia morrido, e eu que estava indo a seu enterro, mas que passei mal no ônibus. Depois eu soube que havia tido minha primeira crise de pânico ali dentro do ônibus dentro do veículo coletivo, silenciosa e aterrorizada, mas sempre aparentemente calma, sem pedir ajuda.

Meu pai chegou em um dos seus velhos carros, ele era um colecionador de algo entre carros velhos ou antigos, e eu tive certeza de que aquele era um impostor. Toda a curta viagem daquele pequeno amontoado de casas até cidade onde família residia me pareceu uma película do mais absoluto terror. Um sequestro. Ao mesmo tempo algo me dizia que eu deveria me comportar, uma espécie de estratégia de combate, de guerrilha, para que em algum momento eu pudesse ter com minha mãe e ela me contasse sobre a morte de meu verdadeiro pai. Qual não foi o espanto dela quando isso enfim aconteceu. Era o momento em que se constatava que sua filha mais velha, aos dezessete anos, estava completamente louca.

O que se seguiu foi uma sucessão de médicos, um deles padre, outro um iridologista que consultou minha íris e me acusou de ser fraca, praticamente me

culpando pela minha própria doença. Tudo me entristecia mais, nos dias em que havia a capacidade de me entristecer. Em outros eu era apenas ausência.

As alucinações que me lembro eram quase todas de cunho essencialmente freudianos, uma delas de base puramente sexual: um homem com revólver em punho estaria dentro do meu armário, no meu quarto, essa se repetia em algumas noites.

Outra poderia ser considerada espiritual e remontar a vidas passadas: eu tinha certeza que haveria um leilão e eu seria vendida, era aterrorizante e passei dias apavorada com essa certeza. Uma amiga conta que eu aparecia na casa dela e passava dias lá, não lembro de nada disso.

Lembro de ouvir vozes, ver vultos, falar com eles, imaginar que no meu terraço havia uma espécie de bolsão de seres de outro mundo, todos de branco, uma verdadeira festa. Mas não de estar em outra casa. A volta foi dolorosa o diagnóstico de esquizofrenia foi retirado, o médico considerou e considera que errou.

E recentemente eu retornei a ele, em uma nova crise, quase 20 anos depois, uma espécie de ciclo que parece se fechar, por isso vim aqui neste museu, talvez entender o que me une a esses loucos, alguns, nem mesmo sequer loucos.

Acho que vou sair. Preciso de ar. O ambiente é lúgubre, como lembro de ser a condição de estar dopada de remédios.

Josué:

A primeira gaveta do banheiro

Na primeira gaveta do banheiro eu guardava a morte. Todo dia eu a cultivava, a tratava bem.

Aquela morte era só minha e eu nunca a mostrei para ninguém. A morte era pequena, simpática. Ela me atraía sem precisar me chamar. Eu sempre estava a seu dispor. Cada dia eu convivía mais com ela, ali no banheiro, naquela primeira gaveta.

Com o tempo, tudo mudou. Eu não conseguia deixar a morte sozinha ali, trancada. Ela precisava de cuidados, de companhia. Aquele ser em desenvolvimento, se tornou a única coisa que me interessava.

Por anos ignorei a morte. Cultivava a vida, sua irmã gêmea e principal opositora. Não se pode servir a dois senhores. Passei a cultivar a morte, justamente quando esqueci a vida. A deixei em alguma outra gaveta, não me lembro qual.

Posso tê-la perdido em alguma mudança de endereço. Me mudei tanto nos últimos anos que, de fato, minha memória me trai agora. O fato é que, subitamente, percebi que não tinha mais uma vida para cultivar. Me sobrava a morte.

Com tanto afeto, minha morte foi crescendo rápido. E eu fui me apegando cada vez mais. Comecei a passar as noites com ela, ali na primeira gaveta do banheiro.

Com o tempo, a gaveta cresceu também. Mudou. Agora era feita de um ferro frio e devia possuir um ar condicionado muito forte. Como eram geladas aquelas noites dentro da gaveta.

No meio da noite, as vezes alguém abria a gaveta e eu fingia continuar dormindo. Onde já se viu, perturbar o sono de alguém assim. O roteiro era sempre o mesmo. Uma voz feminina dizia: é ele. E uma voz masculina a chamava para sair daquele lugar. Sempre tive a impressão de ouvir prantos, mas nunca soube se era sonho ou realidade.

Todas as manhãs eu acordava com algodão no nariz. Demorava para conseguir sair da gaveta. Minha morte adorava essa dedicação. Quando me dei conta ela estava grande, com dentes enormes. Branca, pálida. Parecia sempre estar sorrindo para mim. Acredito que era por gratidão.

A morte branca, se desfazia um pouco por onde passava. Deixava seu rastro branco em todos os lugares. Onde eu ia, eu via o rastro branco de sua passagem. Durante o dia, eu parecia sempre estar um passo atrás da morte. Mas sua presença era sentida em todo momento.

Assim como a morte mudou, eu também me transformei nesse período. Me cresceram pelos, minhas unhas estavam enormes, quase dobrei de tamanho. Não me reconhecia no espelho. Aquele ser monstruoso era o que sobrava de mim.

O banheiro também mudou. Agora, em vez de cerâmica, seu piso era de uma terra forte, de cor preta. A gaveta era de uma madeira linda, com tons marrons e amarelos. Alguém, desconfio que a morte, para me presentear, gravou meu nome completo, nome que eu quase não lembrava mais que tinha.

O banheiro estava sempre cheio agora. A maioria das pessoas eu não conhecia. Eu sabia que precisava passar a última noite naquela gaveta. A morte, agora adulta, me seguia onde quer que eu fosse.

Eu precisava me despedir de alguém antes de anoitecer. Mas, com o tempo, não havia mais pessoas por perto para me despedir. Eu havia cuidado da morte, e ela cuidado de mim. Eu deveria encarar pela última vez aquela gaveta. Para, enfim, descansar e dormir.

E, lhe garanto, estou com muito sono.

Clarice:

Os surtos dos quais mais me envergonho são aqueles em que tentei ferir ou feri outras pessoas.

O dia em que tentei atravessar uma rodovia em frente ao shopping sem olhar o sinal de trânsito, sem olhar para os lados.

Lembro do clarão da roupa branca do homem idoso e negro que me disse para não ir.

Lembro do motivo imbecil pelo qual eu corri. Mas lembro mesmo da minha mão, encaixada nela estava a mão do meu filho de apenas 8 anos.

Eu não atravesssei aquela rodovia, eu não prossegui. Eu caí e nunca saberei se caí ou me joguei. Nunca saberei se naquele momento eu teria me matado ou a meu filho, se prosseguisse.

Essa falta de controle dos fatos nos quais eu sou a protagonista, parece ser um sinal de fraqueza, mas o diagnóstico de bipolaridade foi uma espécie de salvo-conduto. Mesmo assim houve relutância de minha parte. O que seguiu daí foi meu medo do embotamento, da falta de prazer, da disciplina que eu teria de ter e principalmente, de abdicar do álcool. O álcool é uma espécie de suavizante de dores, um acolchoado onde entro quando não aguento mais. Não procuro para ficar feliz, e sei que no dia seguinte ficarei triste, muito triste, mas não controlo simplesmente.

O quarto acolchoado e branco

O cheiro de assepsia me atrai. Junto a esse cheiro há o gosto de dissolução. Posso fazer isso sem esconder de quase ninguém, de mim mesma, os excessos, só procuro disfarçar para meu filho. No dia seguinte tudo virá à tona. O segredo é não pensar no dia seguinte.

Ou mergulhar novamente nesse quarto, quando chegar o dia posterior.

Há diversas fases, a primeira delas é uma festa, tem sabor de liberdade, como andar de moto na garupa de um namorado, ou melhor ainda, de um completo desconhecido, mas de quem não tenho medo, tenho boas referências dele.

Depois eu sinto que a tomada de decisões fica amortecida, pela coragem de não decidir, não precisa lavar nada hoje, nem mesmo cuidar de me alimentar com zelo, roubo um pedaço de queijo bem gordo, roubo de mim mesma.

Em algum momento o brilhante fulgor da contravenção permitida tem que ser exaltado e superado, com exageros, com mais excessos e daí é só usar os recursos que possuo, e pedir mais, nunca parece ser o suficiente, só quando a degradação me acena. E o acolchoado do quarto parece mais denso, mais fechado, não entra luz, mas há luzes artificiais lá dentro, transparentes, douradas, incongruentes até, com a escuridão dentro de mim.

Tento fazer contato com quem está fora do quarto, mas os sentidos estão doentes, a voz engrolada, a raiva parece assomar, e pequenos detalhes de convivências tomam proporções gigantescas, preciso recrudescer o acolchoado do quarto. Até que ele me isole até de mim mesma, até que não me reconheça. Em algum momento eu consigo furar as paredes, inadvertidamente, sem querer, eu diria, porque as paredes acolchoadas eram de mentira, eram como cascas de ovos, e mesmo assim, mais uma vez, daqui a uma semana, eu tentarei novamente pernoitar no agradável acolchoado, tudo igual e repetidas vezes. Porque um dia sei que as paredes me isolarão. Tenho fé nisso. Uma fé bêbada, mas quem pode dizer que essa é a pior fé? Há muitas mais maléficas.